



Boletim Conjuntural Semana 30/2026 – 23 de julho de 2026

MILHO	2
FEIJÃO	2
FRUTAS	3
LEITE	4
MEL	4
PERU	6

A presente edição do Boletim Conjuntural traz um panorama atualizado do agronegócio paranaense, reunindo as principais dinâmicas do campo, a evolução dos preços e os movimentos do comércio exterior.

No campo, a colheita da segunda safra de milho 2025/26 avança sob baixo risco de geadas, com previsão de retorno do sol no final de semana para acelerar os trabalhos. Atualmente 81% das lavouras apresentam boas condições.

Na pecuária, o preço médio do leite pago ao produtor atingiu R\$ 2,74 por litro em julho (+1,5%), com impactos no varejo puxados pela alta da muçarela.

Paralelamente, a fruticultura reafirma sua força ao movimentar R\$ 4,3 bilhões em Valor Bruto da Produção (VBP),

tendo a citricultura como motor principal (39,3% do setor) e a laranja (R\$ 1,3 bilhão) e o morango (R\$ 726,4 milhões) no topo das receitas.

Em relação ao mercado externo, as exportações estaduais de feijão recuaram na contramão da alta nacional. Como o Paraná é polo do feijão-preto, o setor sentiu a inconstância de compradores da variedade, enquanto os destinos alcançados pela produção de mungo-preto têm mostrado constante crescimento.

O mel in natura brasileiro registrou queda de 21% no volume exportado no semestre, mantendo o Paraná na terceira posição nacional, mas com alta de 9,4% no preço médio. O cenário externo equilibra incertezas regulatórias na União Europeia com o alívio tarifário e a isenção do mel orgânico nos Estados Unidos.

Já a peruicultura consolida forte expansão em 2026, impulsionada pelo salto de 130,3% na receita cambial do país e tendo o Paraná como terceiro maior exportador, impulsionado pela demanda do México.

Boa leitura!



Boletim Conjuntural Semana 30/2026 – 23 de julho de 2026

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

A previsão do tempo para os próximos 14 dias, elaborada pelo Simepar, indica que as principais regiões produtoras de milho do Paraná deverão registrar temperaturas mínimas acima de 10°C. Caso esse cenário se confirme, o risco de ocorrência de geadas com potencial para causar danos às lavouras é reduzido. Nesta semana, da área ainda a ser colhida, 84% das lavouras encontram-se em fase de maturação, estágio em que já não apresentam riscos relacionados às baixas temperaturas. Os 16% restantes estão em frutificação e permanecem suscetíveis a eventuais geadas.

O relatório semanal do Deral aponta que a colheita da segunda safra de milho 2025/26 se aproxima de um terço da área cultivada. Até o momento, os trabalhos alcançaram 29% dos 2,91 milhões de hectares plantados no Estado. A previsão de tempo indica chuvas nesta semana nas principais regiões produtoras com retorno do sol a partir do final de semana onde também os trabalhos de campo de colheita deverão ser intensificados.

Dos pouco mais de 2 milhões de hectares que ainda permanecem no campo, 81% das lavouras apresentam boas condições, 13% condição mediana e 6% condição ruim.

FEIJÃO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

Na contramão do cenário nacional, as exportações de feijão do Paraná caíram de 33,7 mil para 11,8 mil toneladas no comparativo do primeiro semestre de 2026 com o mesmo período de 2025. Em todo o Brasil, por outro lado, os volumes embarcados atingiram 149,3 mil toneladas de janeiro a junho, uma alta de 10% frente às 135,4 mil toneladas registradas no ano anterior. Essa divergência se deve, fundamentalmente, à variedade do grão exportada por cada região. O feijão-mungo-preto (seco) teve um ganho de 27,2 mil toneladas, alcançando 78,2 mil toneladas no semestre. Esse desempenho foi impulsionado pelo estado do Mato Grosso, líder nacional no cultivo da variedade, que mantém nas vendas para a Índia um mercado consolidado. Em contrapartida, o feijão-preto (seco) sofreu uma retração de 22,6 mil toneladas, caindo de 38,8 mil para 16,1 mil toneladas no período. O recuo



Boletim Conjuntural Semana 30/2026 – 23 de julho de 2026

afetou diretamente a receita do Paraná, polo da produção dessa variedade no país.

A queda das exportações paranaenses foi motivada pela retração das compras de Portugal e da Guatemala. Esses dois países já haviam substituído, ainda que em menor volume, os mercados do México e da Venezuela que em anos anteriores eram supridos pelo feijão paranaense. Essa constante alternância de compradores gera uma fragilidade do setor no estado, que demonstra capacidade para prospectar parceiros, mas enfrenta dificuldades para fidelizá-los.

No fluxo oposto, as importações brasileiras do grão também cresceram no primeiro semestre, saltando de 4,9 mil para 22,3 mil toneladas na comparação entre 2025 e 2026. Desse volume total, mais de 20 mil toneladas entraram no país via Paraná, com origem na Argentina. Embora o montante importado siga abaixo dos níveis vistos na década passada, a alta foi suficiente para tornar negativo o saldo da balança comercial do produto no estado, mesmo com o valor médio da tonelada exportada pelo Paraná sendo superior ao do feijão importado.

FRUTAS

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

A Fruticultura encontra uma representatividade diluída frente à densidade do agronegócio estadual, pois considerando as 37 frutas cultivadas e acompanhadas pelo estado, a participação do setor ficou em 2,0% do Valor Bruto da Produção/VBP 2025, para uma renda gerada no campo de R\$ 212,6 bilhões. A potência econômica do campo nas receitas estaduais está centrada na produção de grãos, cereais e proteínas animais.

Um VBP de R\$ 4,3 bilhões foi gerado pelos pomares em uma superfície de 56,2 mil hectares (ha), onde foram colhidas 1,5 milhão de toneladas (t) de frutas. A Citricultura - laranjas, tangerinas e limões - é a principal atividade e responde por 53,6% da área dos pomares, 62,9% dos volumes produzidos e 39,3% do VBP estadual do segmento.

A Laranja com R\$ 1,3 bilhão é a líder com 30,7% do total, seguida do Morango com 17,1% e R\$ 726,4 milhões de valor. A uva (R\$ 389,7 milhões), a tangerina (R\$ 278,7 milhões) e a goiaba (R\$ 263,5 milhões), participam com 9,2%, 6,6% e 6,2% respectivamente das rendas brutas geradas no campo. Assim estas cinco



Boletim Conjuntural Semana 30/2026 – 23 de julho de 2026

frutas representam 69,7% do VBP estadual do setor, 70,7% das quantidades colhidas e 61,5% da área cultivada.

A atividade tem importância singular nas regiões e nos 395 municípios onde está inserida, pois gera empregos e renda tanto no campo como nas cidades nos mais diversos elos das cadeias de produção.

LEITE

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Como esperado, o produtor paranaense segue entregando à indústria o leite produzido no campo por um preço mais alto do que o observado nos primeiros meses do ano. Atualmente comercializado a R\$ 2,74 na média estadual, o preço se encontra 1,5% acima do registrado na média de junho.

No varejo, os principais derivados lácteos apresentaram altas discretas: o litro do leite longa vida valorizou 0,6% enquanto o pasteurizado subiu 0,5%. O queijo muçarela, por outro lado, descolou da tímida valorização apresentada pelos outros derivados, ficando 7,46% mais caro na média de julho comparado ao mês anterior.

MEL

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

No primeiro semestre de 2026, as exportações brasileiras de mel in natura totalizaram 18.411 toneladas, gerando um faturamento de US\$ 65,195 milhões. De acordo com dados fornecidos pela Agrostat Brasil, esse resultado representa uma retração de 3,7% em volume e de 13,5% em receita cambial na comparação com o mesmo período do ano anterior, quando foram embarcadas 19.119 toneladas. Em contrapartida, o preço médio nacional do produto registrou valorização no período, atingindo US\$ 3.541,06 por tonelada (US\$ 3,54 por quilo), o que equivale a uma elevação de 9,4% frente à média de US\$ 3.237,62 por tonelada (US\$ 3,24 por quilo) observada no primeiro semestre de 2025.

No contexto das exportações estaduais, o ranking nacional apresentou movimentações importantes. Santa Catarina passou a liderar o setor, acumulando US\$ 19,838 milhões em receita oriunda do embarque de 5.556 toneladas, a um preço médio de US\$ 3,57 por quilo - um crescimento expressivo de 193% em volume e de 233,9% em receita comparado ao ano anterior, quando os índices foram consideravelmente menores.



Boletim Conjuntural Semana 30/2026 – 23 de julho de 2026

O estado de Minas Gerais assumiu a segunda posição, registrando US\$ 12,126 milhões em receita e 3375 toneladas exportadas, com preço médio de US\$ 3,59 por quilo, apesar de ter enfrentado uma queda de 27% em volume e de 20,4% em receita frente ao ciclo passado.

O Paraná passou a ocupar a terceira colocação, registrando quedas de 22,6% no volume (2.890 toneladas) e de 16,4% no faturamento (US\$ 10,117 milhões), embora tenha obtido uma alta de 8% no preço médio, que fechou em US\$ 3,50 por quilo. Completando o grupo dos cinco principais exportadores, o Piauí figurou em quarto lugar, com 1785 toneladas e US\$ 6,229 milhões (retrações de 52,9% em volume e 48,4% em receita), seguido por São Paulo em quinto, que avançou 12,3% em volume (1.702 toneladas) e 21,2% em receita (US\$ 5,957 milhões).

Os Estados Unidos da América (EUA) mantiveram-se como o destino primário do mel brasileiro, absorvendo 71,7% do volume total exportado. No acumulado do semestre, os embarques para o mercado norte-americano somaram 13.200 toneladas e geraram US\$ 46,763 milhões, com preço médio de US\$ 3,54 por quilo. Na comparação interanual, o

comércio com os EUA sofreu uma retração de 18,4% no volume e de 10,45% na receita cambial. Como aspecto positivo, houve uma valorização de 9,7% no preço da tonelada, que saltou de US\$ 3.228,87 para US\$ 3.542,67.

Essa menor absorção por parte dos norte-americanos foi parcialmente compensada pela abertura e ascensão de novos compradores, como as Filipinas (116 toneladas e US\$ 417.843), a Polônia (124 toneladas e US\$ 292.384) e a Áustria (19 toneladas e US\$ 51.357), além do aumento de demanda em parceiros tradicionais, como o Canadá, que importou 2.587 toneladas (US\$ 8,970 milhões, com altas de 83,2% em volume e 95,5% em receita), a Alemanha, com 1.596 toneladas (US\$ 5,937 milhões, crescendo 191,8% em volume e 231,3% em receita), e o Reino Unido, que adquiriu 657 toneladas (US\$ 2,225 milhões, alta de 33,5% em volume). Os Países Baixos completam a lista de destaques com 82 toneladas e US\$ 308.965.

O comportamento do mercado de exportação ao longo de 2026 foi fortemente influenciado por decisões geopolíticas e aduaneiras de grande impacto. No cenário norte-americano, uma decisão da Suprema



Boletim Conjuntural Semana 30/2026 – 23 de julho de 2026

Corte em 20 de fevereiro de 2026 derrubou as chamadas tarifas recíprocas de 50%, permitindo que produtos do setor agropecuário, incluindo o mel, retornassem à alíquota geral de aproximadamente 10%.

Os reflexos práticos desse alívio tarifário e da valorização do produto começaram a consolidar-se em junho, quando os EUA importaram 5.550 toneladas de mel brasileiro (US\$ 20,082 milhões), representando altas expressivas de 55,1% em volume e de 66,5% em receita sobre junho do ano anterior, com o preço da tonelada subindo 7,4%. No mesmo mês, Canadá (+138% em volume e +135,8% em receita) e Alemanha (+1.163,4% em volume e +1.204,4% em receita) também mostraram desempenhos robustos, sinalizando uma forte tendência de recuperação do comércio bilateral e a expectativa de superar os níveis anteriores ao tarifaço.

Apesar do otimismo no mercado americano, o setor apícola foi surpreendido por novos desafios regulatórios em outras regiões. Em 12 de maio, a União Europeia anunciou a retirada do Brasil da lista de países autorizados a exportar produtos de origem animal destinados ao consumo humano a partir de 3 de setembro de 2026,

medida que afeta diretamente o mel convencional brasileiro.

Adicionalmente, em 16 de julho, os EUA confirmaram a aplicação, a partir de 22 de julho, de uma tarifa adicional de 25% sobre uma ampla gama de importações brasileiras com base na Seção 301 da Lei de Comércio americana. Contudo, para a apicultura nacional, o impacto dessa nova barreira foi mitigado: o mel orgânico foi incluído em uma lista de mais de 2.100 exceções mantidas pelos EUA, preservando um canal comercial vital e estratégico para os produtores brasileiros diante das complexidades do comércio internacional.

PERU

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

O setor de peruicultura no Brasil apresentou uma dinâmica de forte ajuste produtivo e expressiva valorização cambial entre os anos de 2025 e 2026. Segundo dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a produção nacional de carne de peru em 2025 totalizou 136,74 mil toneladas, volume que representou uma retração de 7,4% em comparação com as 147,67 mil t registradas no ano anterior.



Boletim Conjuntural Semana 30/2026 – 23 de julho de 2026

Desse montante produzido em 2025, a distribuição foi equilibrada entre o mercado interno, que absorveu 51,85%, e o mercado externo, responsável por 48,15% do volume total.

Com isso, as exportações do setor alcançaram 66 mil t, uma alta de 3,1% frente às 64 mil t de 2024, impulsionando a receita cambial para US\$ 213 milhões, o que significou um avanço de 38,3% sobre os US\$ 154 milhões obtidos no período anterior. A pauta exportadora de 2025 revelou uma concentração em produtos de maior valor agregado, com os cortes liderando amplamente ao representarem 93,19% do total enviado ao exterior (61.356 t), seguidos pelos industrializados com 4,06% (2.670 t) e pelos produtos inteiros com 2,75% (1.812 t).

No âmbito regional, os três estados do Sul concentraram os embarques daquele ano, sendo que Santa Catarina liderou com 44,82% de participação (29.487 t), seguido pelo Rio Grande do Sul com 32,08% (21.102 t) e pelo Paraná com 22,61% (14.875 t).

Esses produtos abasteceram 88 mercados globais, com destaque para o bloco das Américas, que deteve 52,9% do volume (34.925 t), e para a África, com

31,15% (20.511 t), enquanto a Europa Extra-União Europeia registrou 6,53% (4.259 t), a União Europeia (UE-27) respondeu por 4,79% (3.150 t), o Oriente Médio por 2,37% (1.560 t) e a Ásia por 1,27% (837 t).

A tendência de crescimento acelerou substancialmente no primeiro semestre de 2026, período em que as exportações brasileiras de carne de peru atingiram 33.587 t e geraram um ingresso de divisas de US\$ 137,042 milhões. Esses indicadores representam incrementos de 39,9% em volume e de 130,3% em receita cambial sobre o primeiro semestre de 2025, quando o país havia embarcado 24.000 t e faturado US\$ 59,500 milhões.

O principal vetor desse desempenho financeiro foi a forte valorização do produto no mercado externo, visto que a carne in natura, responsável por 99,8% dos embarques de 2026 (32.939 t e US\$ 133,342 milhões), alcançou o preço médio de US\$ 4.060,46 por t, valor 67,5% superior à média de US\$ 2.423,88 registrada em igual período de 2025.

Isolando o mês de junho de 2026, as empresas brasileiras exportaram 5.715 t (+113,2% em relação às 2.680 t de junho de 2025) e faturaram US\$ 22,137 milhões,



Boletim Conjuntural Semana 30/2026 – 23 de julho de 2026

superando em 117,3% os US\$ 7,983 milhões de igual mês do ano anterior.

Na análise do desempenho regional acumulado de janeiro a junho de 2026, a liderança em faturamento coube a Santa Catarina, que somou US\$ 55,485 milhões com o embarque de 12.628 t, registrando altas de 36,7% em volume e de 146,1% em receita perante o primeiro semestre de 2025. O Rio Grande do Sul liderou em volume absoluto, alcançando 13.529 t e receita de US\$ 45,905 milhões, o que equivaleu a saltos de 63,1% em volume e de 132,3% em faturamento.

O Paraná posicionou-se na terceira colocação nacional, acumulando 7.372 t (+18,3%) e US\$ 35,504 milhões (+113,8%). O desempenho paranaense foi puxado fortemente pelo resultado isolado de junho de 2026, mês no qual o estado dobrou seu volume exportado para 1.370 t (frente a 685 t em junho de 2025) e expandiu sua receita cambial em 164,2%, saltando de US\$ 2,338 milhões para US\$ 6,176 milhões.

No cenário dos destinos comerciais do semestre, o México consolidou-se como o maior parceiro da pericultura nacional ao adquirir 9.306 t e gerar US\$ 39,250 milhões, com expansões impressionantes de 329,4% em volume e de 584,1% em

receita. O Chile ocupou o segundo lugar com 4.668 t e US\$ 32,528 milhões (+49,2% em volume e +208,8% em receita), seguido pela África do Sul com 4.574 t e US\$ 8,414 milhões (+67,3% em volume e +166,3% em receita), pelos Países Baixos com 3.197 t e US\$ 23,129 milhões (+55,0% em volume e +158,6% em receita) e pelo Peru com 1.165 t e US\$ 5,682 milhões (+7,7% em volume e +48,5% em receita). Completando o ranking dos dez principais importadores figuram Gana (1.443 t e US\$ 2,887 milhões), Guiné Equatorial (1.077 t e US\$ 2,494 milhões), Benin (894 t e US\$ 1,793 milhão), Bahamas (744 t e US\$ 1,649 milhão) e Gabão (705 t e US\$ 1,711 milhão).

Toda essa cadeia produtiva e comercial exhibe elevada concentração corporativa, sendo comandada no Brasil por duas grandes organizações: a MBRFoods (resultado da fusão entre Marfrig e BRF), que centraliza o fomento e o processamento no estado do Paraná, e a JBS, com estruturas industriais baseadas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, com destaque para a planta de Caxias do Sul.